

A Matemática e o Caipira

Luis Márcio Pereira Imenes e
José Jakubovic
Revista do Professor de Matemática nº 1

Esta história tem dois personagens: um caipira e um advogado e ela me foi contada por um amigo do advogado. Passa-se a sete ou oito anos atrás nas proximidades de São Paulo.

Vai lá um dia em que o nosso amigo advogado resolve comprar um sítio, de poucos alqueires, com a intenção de construir uma casa e nele passar seus fins de semana. Como não havia nascente no sítio, resolveu mandar cavar um poço, quando ficou sabendo que seu vizinho, um caipira que ali morava há muito tempo, tinha em sua propriedade uma nascente com água boa e farta. Procurou o vizinho e fez a proposta:

— Eu instalo um cano de uma polegada em sua nascente, conduzo a água para o meu sítio e lhe pago x cruzeiros por mês.

A proposta foi aceita na hora.

Passa-se o tempo e o advogado resolve implantar uma criação racional de porcos em seu sítio e para isso iria precisar de mais água. Voltou a procurar o caipira e lhe propôs trocar o cano de uma polegada por outro de duas polegadas de diâmetro e pagar 2x cruzeiros a ele.

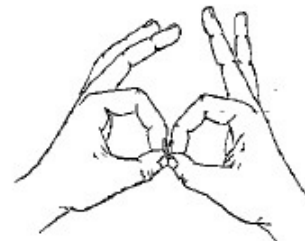
O caipira escutou a proposta, não deu resposta imediata, pensou, e passados alguns minutos respondeu que *não* aceitava a proposta.

— Mas como? Perguntou o advogado. Tem água sobrando, por que não me vende mais e assim também ganha mais?

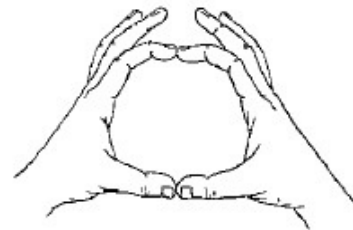
— É que num ta certo, retrucou o caipira, e explicou com um gesto. A água que vosmecê me paga passa por aqui:



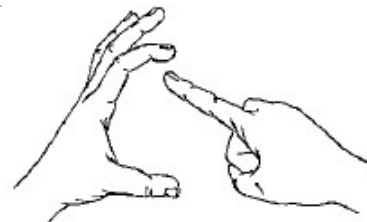
E vosmecê qué me pagá o dobro.



Acontece que o cano que ocê vai punha é assim:



Pois é, quem me paga a água que passa por aqui



E por aqui?



(Qual o preço que deveria ser pago?)